

Dossiê Olhares sobre a Escola: representações da escola no cinema

*César Cundari*¹
*Lennita Oliveira Ruggi*²
*Marcelo Francisco*³

Uma das características mais salientes dos discursos que constituem a educação na atualidade é a mania de imaginar escola e mídia como entidades concorrentes e contrastantes, competindo na formação das crianças e jovens. Abordagens apocalípticas dão amplos poderes à mídia como uma totalidade coerente, inteiramente engajada na promoção do consumo capitalista e, por esse motivo mesmo, incapaz de respeitar valores pretensamente humanos que seriam indispensáveis no processo educacional. A escola seria uma das últimas divisórias impedindo a ruína da sociedade no egoísmo superficial centrado na aparência e distanciado do “saber”.

Na margem oposta, enunciados integrados à necessidade de transformação alardeiam com fascínio ambíguo o crescente poder das mídias na constituição das subjetividades, na proliferação de

¹Graduado em História na Universidade Federal do Paraná e pós-graduado pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná, email: cesar_ocundari@yahoo.com.br

²Professora de Sociologia da Educação na Universidade Federal do Paraná, email: lennitaruggi@hotmail.com

³Graduado em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Paraná, email: marcelosociais@gmail.com

identidades e multiplicação das possibilidades de comunicação tanto de si como de demandas dos movimentos sociais. Frente às inovações tecnológicas, a escola teria perdido o passo na coreografia do progresso e as receitas para sua reabilitação povoam com sucesso o mercado pedagógico, sendo a inserção consciente ou a exclusão irrevogável das tecnologias no contexto escolar alguns dos antídotos mais recomendados.

Nesse panorama um tanto viciado, debater mídia e educação quase sempre exige integrar uma das torcidas ou, com mais frequência ainda, manter uma postura pretensamente imparcial com pompons na mão direita e pedras na esquerda para oferecê-los conforme a ocasião. Tentar atravessar esse campo curricular minado com ambas as mãos ocupadas é, no mínimo, desconfortável. Foi esse incômodo que deu origem ao Grupo de Pesquisa *Olhares sobre a Escola: a educação nos discursos de entretenimento*, em atividade desde 2011 na Universidade Federal do Paraná, cuja ambição é procurar um *plug* diferente para aproximar escola e mídia, uma abordagem que confunda as fronteiras para oferecer um panorama com menos arestas e mais áreas de contato. Nosso objetivo é investigar os discursos produzidos a respeito da escola pela mídia de entretenimento. Alguns exemplos significativos podem explicitar o enfoque.

A expressão “*E o salário: óóóóó....*”, acompanhada por um gesto com polegar e indicador da mão esquerda para indicar

insignificância, característica do personagem Raimundo Nonato, de Chico Anysio, era o encerramento tradicional do programa *Escolinha do Professor Raimundo* da TV Globo. Entre as pessoas que residiram no Brasil durante as últimas décadas do século XX seria difícil encontrar alguém que desconhecesse o bordão. Iniciado no rádio, o quadro foi televisionado por trinta e oito anos (entre 1957 e 2000, de maneira intermitente).

Antes da *Escolinha do Professor Raimundo*, a *Escolinha da Professora Olinda* foi um conhecido programa de rádio produzido em São Paulo nos anos 1930. Posteriormente, diversos outros projetos humorísticos retrataram jocosamente a relação entre professor/a e estudantes: *Escolinha do Golias* (SBT 1990 a 1997), *Escolinha do Barulho* (TV Record 1999 a 2003) e *Uma Escolinha Muito Louca* (TV Band 2008, ainda em exibição). Tomando a opção pelo termo “escolinha” como um indicador de filiação, seria possível computar mais de 80 anos de longevidade no formato.

Outra genealogia televisiva cujo enredo retrata a vida escolar teve seu ápice com *Carrossel*. Inspirada em uma novela argentina das décadas de 1960 e 70 (*Jacinta Pichimahuida, la maestra que no se olvida*), a rede de televisão mexicana Televisa produziu em 1989 uma saga de 375 capítulos apresentando as desventuras vividas por alunos/as da classe de *Professora Helena*, encenada pela atriz Gabriela Rivero. *Carrossel* foi transmitido pela primeira vez no Brasil pelo SBT em

1991, sendo reprisado em 1993, 1995 e 1996⁴. Foram realizadas outras tentativas de igualar a popularidade da novela, uma em 1992 com *Carrossel das Américas* e outra em 2002 com *Viva às crianças! Carrossel 2*, ambas produzidas pela Televisa e transmitidas pelo SBT. Foi ainda a parceria entre as duas redes que consagrou no Brasil a locução “*Tá! Tá! Tá! Tá! Táá!*”, interminavelmente repetida pelo *Professor Girafales* em momentos de irritação. Personagem de *Chaves*, interpretado por Rubén Aguirre, seus infortúnios docentes são exibidos ininterruptamente no país desde 1984.

O sucesso da escola como entretenimento midiático-comercial pode ser verificado nos filmes sobre *high school* produzidos por Hollywood. Desde *Juventude Transviada* (1955) e *Grease* (1978), passando por *Clube dos Cinco* (1985) *Curtindo a vida adoidado* (1986), *Karatê Kid* (1984), *Patricinhas de Beverly Hills* (1996), *Pânico* (1996), *American Pie* (1999) e *As virgens suicidas* (1999), até *Um amor para recordar* (2002), *Coach Carter* (2005), *Escritores da liberdade* (2007) e *High School Musical* (2006) – a lista infundável de filmes no qual a escola tem papel de destaque permite catalogar a produção sobre *high school* como um gênero cinematográfico específico. Um pouco menos burlescos, mas igualmente significativos são os filmes com viés crítico que propõem leituras “verossímeis”, inspiradas na estética de

⁴ O programa alcançou tal sucesso que, em 1991, Rivero foi recebida pelo então presidente Fernando Collor de Mello em Brasília.

documentários, sobre a educação contemporânea, como as produções francesas *Entre os muros da escola* (2007) e *O dia da saída* (2009). Qualquer pessoa que já tenha segurado um controle remoto ou passado os olhos pela programação de cinema certamente recordaria sem esforço outros títulos condizentes.

A intersecção entre escola e entretenimento repercute também nas histórias em quadrinhos. O colégio é tema privilegiado nas tiras da *Mafalda* (Quino), nas peripécias de Charlie Brown e seus amigos em *Peanuts* (Charles Schulz), bem como o pesadelo de Calvin em *Calvin e Hobbes* (Bill Watterson). Se o ambiente escolar não aparece com muita ênfase na *Turma da Mônica*, certamente é importante no cotidiano rural de *Chico Bento* (ambos de Maurício de Souza).

A compilação de produções voltadas para o divertimento nas quais abundam representações sobre escola poderia continuar quase indefinidamente. Esta seleção sucinta deve ser suficiente para salientar a relevância da educação formal como matéria prima para o entretenimento. Com ampla circulação social, a abordagem midiática se apropria, alimenta e reformula discursos sobre educação que são cruciais para acessar o imaginário contemporâneo sobre a escola. Implícitas nesse imaginário estão noções específicas sobre os significados de educação, a potencialidade dos processos de ensino-aprendizagem, determinadas apreciações sobre ser professor/a e ser

estudante, bem como julgamentos acerca das relações geracionais possibilitadas pela convivência escolar.

O que prontamente se nota em uma tentativa preliminar de compilação é a extrema diversidade de abordagens convivendo em simultâneo. O que chamamos de “mídia” não pode ser encarado como um bloco monolítico, antes comporta profundas diferenças dependendo do contexto de criação, enfoque ideológico e objetivo comercial. Nos interessa questionar como tais diferenças se expressam nas representações sobre escola, sobre as funções docentes e discentes e sobre o conhecimento. Entendidas como discursos, as produções de entretenimento põem em movimento enunciados que cristalizam percepções sobre a escola. Personagens, dilemas, piadas ou dramas que se repetem, se repelem ou se transformam proferem julgamentos sobre educação e sobre a instituição escolar.

Frente à abrangência do objeto, *Olhares sobre a escola* foi desde sempre pensado como um projeto coletivo e interdisciplinar, composto majoritariamente por estudantes de pedagogia e ciências sociais da UFPR. Trata-se de um exercício de pesquisa que visa ultrapassar os problemas metodológicos de acesso ao público (como se ele estivesse “lá fora”) ao criar um ambiente de recepção no qual somos simultaneamente pesquisadores/as. Até o presente, o grupo tem concentrado seus esforços na análise cinematográfica. Essa opção foi em certa medida condicionada pelas facilidades oferecidas no próprio

formato: um filme é um objeto mais acessível e “compartilhável”. Apesar de provisória, a seleção de produções cinematográficas se revelou frutífera e quase inexaurível. Aberto para participação externa no formato Evento de Extensão, realizamos três mostras temáticas: sobre gênero, raça e cultura pop entre 2012 e 2013. A publicação do dossiê temático na Revista Vernáculo se apresenta como uma oportunidade única de reunir produções dispersas e publicizar iniciativas de pesquisa desenvolvidas junto ao Grupo *Olhares sobre a escola*.

Assim, coube a nós a grata tarefa de apresentar este dossiê que se torna um marco para nosso grupo, uma vez que põe em prática aquilo que há tempos estamos debatendo. E de pronto temos um texto que exemplifica de forma muito clara a proposta constante de construção de uma pesquisa de forma coletiva. O artigo que trata do filme *Digam o que quiserem*, proposto pelas pesquisadoras Débora Tamires Porcel e Marilene Noriko Treider Otani, expõe em sua essência algo que permeou nossas preocupações: trabalhar com o “não dito cinematográfico”. Ou seja, não apenas ver e falar sobre o que o filme aponta, mas também demonstrar de forma crítica aquilo que se encontra nas entrelinhas do fazer fílmico. Lidar com a análise do discurso é algo que demanda uma atenção e dedicação muito mais ampla, e é de onde se pode arrancar o que o filme realmente disse, querendo ou não. É exatamente isso que as autoras conseguem neste artigo.

O foco do texto no “não dito” textual marca a condução de sua escrita e nos deixa constantemente com uma sensação de que cada frase, cada análise, cada cena, poderia conter em si mais uma dúzia de vieses e diferentes focos, sem assim perder seu poder argumentativo. Apesar do enfoque do artigo ser nas representações de educação e de gênero, ele dá um vislumbre social deveras interessante e singular, e que se expressa de forma simbólica no surgimento de um “novo príncipe”, uma nova interpretação de casal cinematográfico.

Em seguida, o/a leitor/a encontrará uma análise marcante sobre o filme *Preciosa: uma história de esperança*, escrita pela pesquisadora Vanessa Raianna Gelbcke. Inicialmente, a autora traz para o debate o próprio fazer fílmico, destacando duas distintas perspectivas sobre a questão: de que (i) o cinema expressa a realidade e, de outro lado, indicando que (ii) o cinema expressa uma visão de mundo.

A dramática história de Claireece Precius Jones, uma adolescente de 16 anos que mora no Harlem (bairro pobre de Nova Iorque), nos conduz a um ambiente hostil à formação de uma criança. Precius, ou Preciosa – conforme a tradução brasileira –, é agredida física e verbalmente pela mãe e abusada sexualmente pelo pai, com quem teve dois filhos. Distintos estereótipos são enfrentados pela protagonista, sendo mulher, negra, pobre, obesa e mãe solteira na adolescência; nesse contexto, Preciosa transfere-se para um mundo de ilusão. O espaço escolar é retratado como um dos ambientes

frequentados por Preciosa, contudo, evidencia-se que o sistema escolar tradicional não consegue lidar com a diversidade. Cabe a uma forma alternativa de ensino, destacada pela autora, propiciar um ambiente de acolhimento e diálogo para a emancipação da protagonista de sua realidade conturbada.

Se, por um lado, os artigos anteriores tratam de forma elaborada sobre o diálogo, o textual dos filmes, o artigo que enfoca a produção *Aos treze*, feito pela pesquisadora Débora Tamires Porcel, tem uma peculiaridade que o torna distinto das demais contribuições. Apesar de ter um olhar para a escrita fílmica ali presente, procura problematizar e enfatizar os aspectos que se apresentam de forma iconográfica. Sendo um objeto que simultaneamente narra (texto) e mostra algo (visual), esse cuidado com os enquadramentos, com o que está na cena, ou o que a cena mostra sem tornar isso dito, é de essencial importância - ainda mais quando o filme em análise trata sobre a juventude e sobre os aspectos ligados a consumo, mas em especial à “beleza”. Tendo esses conceitos em vista, e em foco, a apropriação da cena visualmente é quase uma análise hiperbólica do tema. Em função de construções históricas e sociais, a noção de juventude é colocada em questão e nada é mais simbólico do que a análise imagética da mesma, algo que é feito de forma muito madura e elaborada neste texto.

O último artigo, mas não menos importante, problematiza a questão étnico-racial estabelecida nas relações sociais da França. O

objeto de reflexão é a obra cinematográfica *Mon Père est femme de ménage*, debatida por Roberto Jardim da Silva. O artigo expressa um grande esforço em contextualizar o cenário social apresentado como pano de fundo para a produção fílmica, neste caso a França. Diferentes fases históricas de processos imigratórios são explicitadas para indicar a configuração étnico-racial francesa. O espaço geográfico, caracteristicamente periférico, ocupado pelos imigrantes e o estereótipo construído em relação às etnias marginalizadas na sociedade francesa são a base da reflexão teórica do artigo.

Os conflitos raciais estão presentes nas brincadeiras e piadas contadas entre os jovens, problematizadas como uma forma de legitimação do discurso que reforça os estereótipos, naturalizando-os nas relações sociais. Outros elementos da obra fílmica são colocados em evidência, como as questões de gênero e de classe, entrelaçando diferenciadas facetas do mundo social na reflexão teórica. Em meio a isso, a trajetória das distintas etnias representadas no filme (negro, marroquino, judeu, branco) expressa a expectativa estereotipada construída sob o signo racial, delineando um lugar social predestinado a cada etnia-raça na configuração da sociedade francesa.

A seleção de artigos publicados aqui, parte do trabalho contínuo e coletivo do grupo *Olhares sobre a escola*, explicita a pluralidade de temáticas e reflexões construídas com base na sétima arte, o cinema. Tendo como foco a representação cinematográfica do ambiente escolar

e/ou da educação, os artigos abrangem, em suas respectivas análises, temáticas comuns ao mundo social contemporâneo. Uma diversidade de questões sociais torna-se parte da reflexão teórica - gênero, etnia/raça, classe, educação. Publicar tais textos representa um passo importante para a consolidação do grupo de pesquisa, expressando a materialização dos esforços desenvolvidos nos últimos anos na UFPR. Esperamos que o/a leitor/a aproveite os artigos a seguir e, caso tenha interesse, participe do grupo que é aberto a diferenciados olhares sobre a escola.